

PARA ONDE NOS CONDUZ  
O SENHOR

*A Palavra*

redesenha  
o nosso  
caminho

ÁFRICA – MADAGASCAR

# SUMÁRIO

*Entramos no continente África-Madagascar para escutar o que devemos fazer*

Apresentação da Superiora Geral

1. Para a lectio

*“Levanta-te e entra na cidade e te será dito o que deves fazer”*

2. Para a meditação

3. Para a partilha

4. Para a oração

Com o coração de Paulo entramos na “grande África”

*“... entra na cidade”*

*África, o “continente da esperança”*

*A II Assembleia especial para a África*

Para ver o nosso lugar a partir da perspectiva do mundo

*As FSP na África-Madagascar*

*Alguns desafios das circunscrições da África-Madagascar*

*Outros desafios importantes e urgentes para esse continente*

*“... entra na cidade”*. Dar o Evangelho “a todos os que procuram a verdade e a justiça”: nos passos das primeiras irmãs missionárias na África

*Um início entre incompreensões e desordens: a fundação no Congo*

*Na terra dos Mártires: a fundação na Uganda*

*“Simples instrumentos nas mãos de Deus”: a fundação na Nigéria*

*O pão dividido aos pequenos: a fundação em Moçambique*

# ENTRAMOS NO CONTINENTE ÁFRICA- MADAGASCAR PARA ESCUTAR O QUE DEVEMOS FAZER

*Apresentação da Superiora Geral*



Caríssimas irmãs,

prosegue a nossa peregrinação aos diversos continentes, para os quais *o amor do Senhor nos impele* (cf. 2Cor 5,14).

Depois de ter lido, meditado, rezado, conhecido e escutado, profundamente, a realidade imensa da Ásia e da diversidade da Oceania, transpomos, agora, a porta que nos introduz na África-Madagascar, o “continente da esperança” como, recentemente, o definiu Bento XVI.

Transpomos esta porta num momento deveras “propício”, enquanto com toda a Igreja nos preparamos para *O Sínodo especial para a África*, que se realizará no Vaticano, de 4 a 25 de outubro de 2009. E, certamente, os contributos dessa Assembleia sobre *a Igreja na África a serviço da reconciliação, da justiça e da paz* lançarão nova luz sobre *o Encontro continental para o redesenhar as presenças* que realizaremos de 13 a 23 de novembro próximo em Nairobi.

Deixemo-nos, ainda uma vez, surpreender pela admirável providência divina que entrelaça os nossos caminhos com os da Igreja, da qual recebemos o mandato de comunicar o Evangelho às pessoas com todos os instrumentos e as modalidades da comunicação.

E com o coração pleno de gratidão, abertas ao dom da Palavra que “redesenha o nosso caminho”, acolhemos do documento preparatório ao Sínodo e das intervenções do Santo Pa-

dre algumas indicações fundamentais para nós:

- *o convite para uma frequência assídua e consciente à mesa da Palavra e da Eucaristia*, “luz e alimento, conforto e viático na fidelidade ao Mestre e Pastor”<sup>1</sup> para estar na África a serviço da reconciliação, da justiça e da paz, dando um testemunho coerente do Evangelho, segundo o programa de vida recebido do Senhor: “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,13.14), e escolhendo estar ao lado daqueles que não têm voz;
- *o apelo para ser amigos de Cristo*, “ter o mesmo modo de sentir com ele, querer aquilo que ele quer e não querer aquilo que ele não quer. O próprio Jesus disse: “Vós sois meus amigos, se fazeis aquilo que vos mando” (Jo 15,14). Seja esse o nosso empenho comum: fazer, todas juntas, a sua santa vontade [...]”<sup>2</sup>;
- *a exortação a não nos deixar enganar pelo tribalismo*, tentação da qual não somos imunes;
- *a convicção de que o resgate da África é, antes de tudo, uma questão moral* e que no coração da missão da Igreja – e portanto nossa – devem estar a educação dos jovens e a formação ética dos líderes, a promoção da família, a proteção da vida, a defesa da dignidade da mulher.

Maria, “nossa Senhora da África”, nos acompanhe no caminho e nos conceda entrar nesse continente com o coração dócil à escuta, para fazer ressoar uma palavra de bênção e de vida. Com afeto,

*Ir. M. Antonieta Bruscato*  
Superiora geral

---

<sup>1</sup> Bento XVI, *no encontro com o Conselho especial do Sínodo para a África*, Nunciatura Apostólica de Yaoundé, 19 de março de 2009.

<sup>2</sup> Bento XVI, *Homilia feita durante a Celebração Eucarística com os bispos, os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, os movimentos eclesiais e os catequistas de Angola e São Tomé*, Luanda, Igreja São Paulo, 21 de março de 2009.

### ***Algumas indicações para o método***

- A primeira parte deste itinerário consiste na *lectio*, isto é, na leitura orante da Palavra: poderá ser vivida pessoalmente, através das páginas bíblicas indicadas.
- A segunda parte propõe a meditação: para viver em nível pessoal e depois partilhá-la num encontro comunitário.
- A oração, que cada irmã poderá escrevê-la, será partilhada em nível comunitário.
- A meditação da Palavra se ampliará, depois, à contemplação da nossa realidade congregacional no continente africano, para acolher o convite da Palavra: *escutar o que devemos fazer*.



# 1. PARA A LECTIO



“LEVANTA-TE E *ENTRA NA CIDADE*  
E TE SERÁ DITO O QUE DEVES FAZER”

*Uma palavra que orienta a vida*

*Leiamos e releiamos o texto, procurando imprimi-lo no coração, sem pressa, para que a Palavra seja “ouvida”. Só assim se tornará obediência ao Mestre que fala.*

Entremos no âmago da Palavra para compreender aquilo que nos quer dizer, contextualizando-a e acolhendo-a no seu significado verdadeiro e profundo, que emerge, também, quando confrontada com textos análogos e com cada conhecimento que lhe ilumine o sentido.

Saulo só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Ele apresentou-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres, seguidores da doutrina de Cristo, que encontrasse adeptos do Caminho. Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, Saulo viu-se repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu. Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Saulo perguntou: “Quem és tu, Senhor?” A voz respondeu: Eu sou Jesus, a quem estás perseguindo. Agora, levanta-te, **entra na cidade**, e aí te dirão o que debes fazer” (At 9,1-6).

Jesus, o *Kyrios*, o crucificado ressurgido, combatido por Saulo, lhe ordena: “levanta-te”, “ressurge”. O termo grego *anastas* é, de fato, o verbo do “retorno à vida”, o mesmo que é usado no Novo Testamento para indicar a ressurreição de Cristo.

Aquele Deus que fez desmoronar as certezas do fariseu Saulo (cf. At 22,3), que o deteve na sua ira e nas suas intenções violentas, é o mesmo Deus que o levanta da queda e o coloca em pé, restituindo-lhe a vida e revelando-lhe a meta que deve atingir: “... **entra na cidade** e te será dito o que deves fazer”.

Saulo não pode parar para contemplar a visão recebida. O Senhor lhe dirige o mesmo convite feito aos Apóstolos, antes da Ascensão: “*Fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto*” (Lc 24,49). Esse poder conferirá a Saulo/Paulo a capacidade de ser “*testemunha diante de todas as pessoas*” das coisas vistas e ouvidas (cf. At 22,15). É o conteúdo e o sentido da missão que o Ressuscitado confia aos Apóstolos: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura*” (Mc 16,15).

Perdoado, renascido, ressuscitado, Paulo receberá, *na cidade*, uma orientação precisa, que lhe exigirá uma obediência total.

No fundo, é a mesma cidade - Damasco - onde Saulo pretendia chegar. Agora, porém, a sua atitude está radicalmente mudada.

*Se antes* devia entrar na cidade com ímpeto e ira para procurar os discípulos de Jesus, *agora* não está em condição nem mesmo de enxergar.

*Se antes* devia entrar na cidade para prender homens e mulheres, *agora* tem necessidade de ser levado pela mão. O condutor deve deixar-se conduzir pelos próprios companheiros de viagem e depois, chegados a Damasco, deverá confiar-se aos cuidados de Ananias.

“*Levanta-te, entra na cidade e te será dito o que deves fazer!*.” É através da “cidade” – feita de pessoas, de situações, de história – que podemos encontrar o Senhor.

A cidade pode conduzir-nos a Deus, porque Deus nos colocou *na cidade*.

A cidade pode elevar-nos até Deus, porque Deus desceu *na cidade*.



A cidade pode dar-nos Deus, porque Deus se ofereceu *na cidade*.

A cidade pode tornar-se plenamente de Deus, porque ele mesmo lhe deu o nome de “Cidade de Deus” (Is 60,14).

Com frequência, por causa do que aconteceu e acontece nelas, as cidades – as nações e continentes - aparecem como lugares de violência e de solidão, motivando o distanciamento ou a fuga delas. E esquecemos que a cidade – a humanidade que lá habita, que constrói a história – é convidada ao banquete escatológico, às núpcias eternas: “Vai, rapidamente, pelas praças e estradas da cidade e traze aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos” (Lc 5,31-32)... “Força-os a entrar, para que a minha casa fique cheia...” (Mt 22,9).

A aposta para nós, Filhas de São Paulo, é de importância fundamental. A Igreja, na qual o Espírito age, nos repete, hoje, que é *vital entrar na cidade*.

*Entrar na cidade* é o sentido da Eucaristia: fazer-se pão e vinho, encarnar-se, “misturar-se” aos problemas dos homens e das mulheres, fazer-se socialmente presente, partilhar sem privilégios e discriminações.

Não existem, para a Filha de São Paulo, realidades, situações históricas, culturais, políticas, muitas vezes impenetráveis, que sejam estranhas à missão...

Hoje, mais do que nunca, somos chamadas a ser discípulas de um Mestre que *entra na cidade* e não fica de fora, separado, estranho, indiferente ou completamente enfastiado; mas que se deixa envolver com paixão nas vicissitudes humanas, resgatando-as e transfigurando-as.

*Entrar na cidade* significa, para nós, um espaço, não somente físico, “no qual recomeçar a viver e anunciar com a nova energia do Espírito e em perene escuta, porque *somente lá nos será dito o que devemos fazer*” (Ir. M. Antonieta Bruscato).

Um empenho que exige paciência, espera, obediência. E forja santos. Pe. Alberione está firmemente convicto de que a santidade de Paulo “começou no dia de sua conversão”.

“Que devo fazer, Senhor?”. Essa expressão indica a plena conversão de Saulo; juntamente com a plena disposição ao querer de Deus. Ora, a verdadeira santidade está precisamente na conformidade à vontade de Deus, no abandono em suas mãos. Já havia atingido a perfeição. Neste sentido, São Paulo é perfeito mestre de santificação: ao contrário, o apego às nossas idéias, caprichos, gostos, exigências são impedimento para a verdadeira santidade...

É importante notar que Saulo se submeteu a uma pessoa de autoridade na Igreja, isto é, à Igreja que antes ele perseguia. Não é qualquer pessoa que é guia de si mesma na Igreja, mas cada uma deve submeter-se à Igreja: “Vai a Damasco, te será dito o que deves fazer”. E Jesus lhe enviou Ananias<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> T.Alberione, *O apóstolo Paulo, inspirador e modelo*, São Paulo 2008, pp.236-237.

## 2. PARA A MEDITAÇÃO



*Entremos em diálogo com a Palavra, para que ela nos interpele em nível pessoal e comunitário: o que ela diz a mim, a nós? Que mensagem, referindo-nos ao hoje, nos é proposta? Como nos sentimos provocadas?*

*A Palavra é o próprio Jesus que nos convida a converter a vida, a conformá-la à sua...*

O Senhor nos exorta hoje a entrar na cidade, no continente africano “dos mil rostos”. O faz com força e decisão, através da arrasadora experiência de nosso pai são Paulo. Faz-nos deixar tomar pela mão de “Ananias”, a nossa Igreja, que com o II Sínodo Africano nos impele a entrar na cidade para sermos instruídas pela sabedoria que vem do alto, nos caminhos que o Senhor quer fazer-nos empreender para redesenhar a nossa presença no “continente da esperança”.

Não é fácil *entrar nessa cidade*. Antes, a maior tentação – desde quando um pequeno grupo de africanos atravessava o canal de Suez e se espalhava pelo mundo – é a de *fugir da África*. Por instinto, nos negamos a vê-la e conhecê-la.

É um continente que tem sua história, suas tradições, suas culturas, mas o mundo – sobretudo o ocidental - , finge não sabê-lo e continua a ver, na África, “só as tragédias e a necessidade de caridade”<sup>4</sup>. Talvez para autoabsolver-se porque, como bem sublinha o documento preparatório da II Assembleia especial do Sínodo dos bispos, os problemas não têm origem só no interior do continente, mas, com frequência, são provocados.

---

<sup>4</sup>B.Obama, *Discurso ao Parlamento de Ghana*, 11 de julho de 2009

Claro, as guerras tribais, as lutas internas, as injustiças e corrupção mirram as potencialidades da África; mas, maiores e mais pesadas são as responsabilidades externas:

As multinacionais continuam a invadir, gradualmente, o continente para apropriar-se das riquezas naturais. Destroem as empresas locais, compram milhares de hectares de terra, expropriando a população de suas terras com a cumplicidade dos dirigentes africanos (*Instrumentum laboris* 28).

E, que dizer das forças internacionais que se aproveitam dessa miséria do coração humano, que não é específica apenas das sociedades africanas. Elas fomentam as guerras para vender armas. Sustentam poderes políticos desrespeitosos aos direitos humanos e aos princípios democráticos para assegurar-se, em contrapartida, vantagens econômicas (desfrutando das riquezas naturais, aquisições de mercados importantes, etc). Ameaçam, enfim, desestabilizar as nações e eliminar todos os que querem libertar-se de sua tutela (*ibid.* 12).

*Entremos, portanto, nessa cidade* como Igreja “a serviço da reconciliação, da justiça e da paz”, sabendo que

[...] O primeiro dever de justiça é reconhecer a pessoa como um irmão. De fato, se o mesmo Deus nos fez e nos gerou todos na mesma condição, em vista da justiça e da vida eterna, nós somos, seguramente, unidos por laços de fraternidade: quem não os reconhece é injusto (Lattanzio, apologeta africano do IV século).

*Entremos nessa cidade* preocupando-nos, antes de tudo, em escutar, em silêncio e com humildade.

É preciso silêncio hospitaleiro para conhecer o verdadeiro rosto desse continente-fronteira de missão cristã: fronteira pela consistência, também numérica, de suas comunidades; fronteira na vizinhança, no encontro e no diálogo com o Islã (414 milhões de fieis); mas, também, fronteira com as diversas cone-

xões históricas com outros continentes e pelos hodiernos processos migratórios. Um conhecimento nada fácil, que deve acertar as contas com as feridas profundas da história e a complexidade dessa terra.

É preciso muita humildade para entrar com delicadeza, mas, também, com consistência, dentro dos *nós* desse continente, seguindo a lógica da encarnação, matriz de toda inculturação.

Quais as melhores premissas para *deixar-nos conduzir lá, para onde o Senhor nos leva?*

E perguntemo-nos: estamos dispostas como Paulo a:

- entrar nessa cidade para escutar aquilo que o Mestre tem a nos dizer, colocando em jogo nossas seguranças e as posições assumidas?
- ativar cada energia para realizar o quanto nos será pedido?

### 3. PARA A PARTILHA



*Partilhemos o apelo do Senhor para a nossa vida e para o caminho do redesenhar, certas de que, “somando juntas as luzes e as experiências concedidas a cada uma, chega-se mais profundamente à compreensão da Palavra. As perguntas, as respostas, as objeções estimulam a uma procura mais viva; tudo se torna mais claro” (Isidoro de Sevilha).*

### 4. PARA A ORAÇÃO



*A Palavra, neste momento, torna-se Palavra rezada, isto é, súplica ao Espírito, para que aquilo que vimos na meditação se torne realidade na metanoia (= mudança) de nosso modo de ser e de viver.*

*Acolhendo o convite pessoal que o Senhor lhe faz, anote, em forma de oração, qual conversão lhe pede a expressão “entra na cidade”.*

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

## *Oração*

Tu colocaste em nossas mãos, ó Senhor,  
a construção do mundo  
e a edificação da Igreja;  
tu nos confiaste o anúncio do teu Evangelho de salvação,  
e nos esperas sempre nos pobres, nos marginalizados,  
em todos os irmãos.

Diante de nós abrem-se muitos caminhos  
e nos atordoam tantas vozes discordantes.  
Entre estas, o teu chamado é um convite forte e suave,  
que não tolhe em nada a nossa liberdade:  
nós queremos reservar-nos, totalmente, a alegria  
e a responsabilidade da resposta!

Torna grande a nossa generosidade  
e libera a nossa liberdade:  
para que cada uma de nós, onde se encontra,  
queira doar-se com amor, até o fim. Amém.

(Paolo VI, *A oração do empenho*)

## COM O CORAÇÃO DE PAULO ENTRAMOS NA “GRANDE ÁFRICA”



*“... entra na cidade”...*

Juntas, como congregação, olhamos para a África, este imenso e variado continente, acolhendo o convite, que nos vem do processo para o redesenhar as nossas presenças, a *entrar* nas comunidades paulinas presentes na África-Madagascar e conhecer o contexto, amar a cultura, assumir e levar na oração suas alegrias, desafios, preocupações.

Com o Santo Padre – como recente peregrino naquela que foi “o berço do cristianismo” – e com Brunetto Salvarani – teólogo católico, há muitos anos empenhado no diálogo ecumênico e interreligioso, autor de diversos artigos sobre o Sínodo da África – nós entramos nesse continente no momento em que toda a Igreja olha com interesse e atenção os trabalhos da Assembleia Sinodal.

*África, “o continente da esperança”*<sup>5</sup>

Caros irmãos, na abertura da minha reflexão, parece-me importante sublinhar que o vosso continente foi santificado pelo próprio Senhor nosso Jesus Cristo. Ao iniciar sua vida terrena, algumas circunstâncias tristes fizeram-no pisar em solo africano. Deus escolheu o vosso continente para que se tornasse a morada de seu Filho. Por meio de Jesus, Deus, certamente, veio ao encontro de cada pessoa, mas de modo particular, encontrou o

---

<sup>5</sup> Bento XVI, *Discurso no Encontro com o Conselho especial do Sínodo para a África*.



povo africano. A África ofereceu ao Filho de Deus uma terra que o nutriu e uma proteção eficaz. Por meio de Jesus, há dois mil anos, o próprio Deus levou o sal e a luz à África. Desde então, a semente de sua presença está sepultada nas profundidades do coração deste amado continente e essa germina, pouco a pouco, para além e através das vicissitudes de sua história humana. Em consequência da vinda de Cristo que a santificou com sua presença física, a África recebeu um chamado particular para conhecer Cristo. Que os africanos se sintam orgulhosos! Meditando e aprofundando espiritualmente e teologicamente esta primeira etapa da kénosis, o africano poderá encontrar as forças suficientes para enfrentar seu cotidiano, por vezes duro, e poderá, então, descobrir imensos espaços de fé e de esperança que o ajudarão a crescer em Deus.

Alguns momentos significativos da história cristã desse continente podem recordar-nos os laços profundos que existem entre a África e o cristianismo, a partir de suas origens. Segundo a venerável tradição patrística, o evangelista Marcos, que “transmitiu por escrito aquilo que fora pregado por Pedro” (Ireneu, *Adversus haereses* III, I, 1), veio da Alexandria para reanimar a semente espalhada pelo Senhor. Esse Evangelista deu testemunho, na África, da morte, na cruz, do Filho de Deus – último momento da kénosis – e de sua elevação soberana, para que “cada língua proclame: Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fl 2,11). A Boa Nova da vinda do Reino de Deus difundiu-se rapidamente pelo norte do vosso continente, onde aconteceram martírios e foram gerados santos e teólogos ilustres.

Depois de ser submetido à prova das vicissitudes históricas, o cristianismo, durante quase um milênio, só permaneceu na parte norte-oriental do continente. Com a chegada dos europeus, que procuravam o caminho das Índias, nos séculos XV e XVI, as populações subsaarianas encontraram Cristo. Foram as populações costeiras que por primeiro receberam o batismo. Nos séculos XIX e XX, a África subsaariana viu chegar os missionários, homens e mulheres provenientes de todo o Ocidente, da América Latina e também da Ásia. Desejo render uma home-

nagem à generosidade de sua resposta incondicional ao chamado de Deus e ao seu ardente zelo apostólico. Agora, gostaria de ir além e falar dos catequistas africanos, companheiros inseparáveis dos missionários na evangelização. Deus havia preparado o coração de um certo número de leigos africanos, homens e mulheres, pessoas jovens e mais idosas, para receber seus dons e levar a luz de sua palavra aos seus ir-mãos e irmãs. Leigos com leigos souberam encontrar na língua de seus pais as palavras de Deus que tocaram o coração de seus irmãos e irmãs. Souberam partilhar o sabor do sal da Palavra e fazer resplandecer a luz dos sacramentos que anunciavam. Acompanharam as famílias em seu crescimento espiritual, encorajaram as vocações sacerdotais e religiosas e foram o vínculo, na própria comunidade, com os sacerdotes e bispos. [...] Foram africanos que evangelizaram africanos. [...] Durante este período, a terra africana foi abençoada por numerosos santos. Limito-me a nomear os gloriosos mártires de Uganda, os grandes missionários: Anna Maria Javouhei e Daniel Comboni, como, também, irmã Anuarite Nengapeta e o catequista Isidoro Bakanja, sem esquecer a humilde Josefina Bakhita.

Atualmente encontramos-nos num momento histórico, que coincide, do ponto de vista civil, com a independência reconstruída e, do ponto de vista eclesial, com o evento do Concílio Vaticano II. A Igreja, na África, preparou e acompanhou durante este período a construção das novas identidades nacionais e, paralelamente, procurou traduzir a identidade de Cristo segundo caminhos próprios. Enquanto a hierarquia foi pouco a pouco africanizando-se, a partir da ordenação de bispos de vosso continente, pelo Papa Pio XII, a reflexão teológica começou a desenvolver-se. Seria bom que vossos teólogos continuassem, ainda hoje, a explorar a profundidade do mistério trinitário e seu significado para a vida cotidiana africana. Este século, talvez permitirá, com a graça de Deus, o renascimento de vosso continente, mas, certamente, sob uma forma diferente e nova, da prestigiada Escola de Alexandria. Por que não esperar que essa possa fornecer aos africanos de hoje e à Igreja universal grandes teólogos e mestres espirituais, que poderão

contribuir para a santificação dos habitantes deste continente e de toda a Igreja? [...]

## *A II Assembleia especial para a África*<sup>6</sup>

**O primeiro Sínodo: as sombras** – [...] Quando João Paulo II, em 6 de janeiro de 1989, anunciou a decisão de convocar um Sínodo extraordinário para os bispos da África, muitos dos que haviam trabalhado com a hipótese-concílio não puderam esconder sua desilusão: “O elemento de novidade, de mudança, de desinstalação – comenta Francisco Pierli, missionário comboniano em Uganda e depois no Kenya – a proposta de um concílio africano, de norte ao sul, que era a grande novidade, anunciada em Abdijan, tinha desaparecido; era ainda o norte impondo-se ao sul como nos tempos do colonialismo. Deste ponto de vista, a terceira Igreja, para usar uma expressão que se tornou famosa naqueles anos, não estava mais às portas”. Quando, alguns anos depois, em fevereiro de 1993, o pontífice esclareceu, em Kampala, que o Sínodo aconteceria em Roma e não no local: as dúvidas aumentaram.

Como se poderia manter juntas a regulamentação burocrática sinodal e o modo particular de comunicar-se dos africanos? No dia 6 de abril de 1994, apenas quatro dias antes da abertura oficial do Sínodo, estourava em Ruanda – nação com 65% de católicos – uma das mais tristes tragédias da história continental. Uma coincidência que não deixou de marcar tantos protagonistas da assembleia, diante dos quais se apresentava uma constatação difícil de remover: o fato de que a prática da fé cristã, vivida segundo parâmetros importados, não tinha sido capaz de liberar a população do medo e ressentimentos ancestrais. Que o encontro com Cristo não tinha gerado reconciliação. [...]

---

<sup>6</sup> B. Salvarani, *Do (malogrado) Concílio ao primeiro Sínodo. Em direção à segunda Assembleia especial para a África, na 21ª Semana, em 31 de maio de 2009.*

**... e as luzes** – Vistos os problemas não resolvidos e as perplexidades, seria falta de generosidade sustentar que da celebração do primeiro Sínodo (e da sucessiva *Ecclesia in Africa*) não tenham aflorado diversos pontos felizes sobre os quais basear-se para um novo itinerário. Citemos alguns: pode-se partir do crescimento do sentido de pertença à Igreja, por parte das Igrejas locais, e da valorização da relevância da Igreja como fator de transformação social.

A anamnese da história da cristandade africana, por exemplo, esclareceu que o cristianismo é porção integrante da história africana *tout-court*; também, registrou-se com franqueza, que alguns elementos metodológicos da missão naquela terra revelaram-se válidos, enquanto outros, decididamente não; admitiu-se que a inculturação possui um vasto potencial teológico e metodológico, não mais ilusório, como havia acontecido no passado – acenavam-no – os documentos oficiais (*Ecclesia in Africa* 59-62). Abrindo a porta, ao menos teoricamente, para uma igual dignidade dos ritos litúrgicos e ao pedido de um direito canônico para a África.

Na ocasião, também, por diversas vezes, foi observada a necessidade absoluta de envolver os africanos na atividade missionária, convidando o leigo a tornar-se protagonista da evangelização, sobretudo no campo social, contrabalançando o grave risco do clericalismo.

Enfim, não faltou sublinhar a importância da pesquisa científica, essencial, quer para a inculturação como para a ação social: convite tanto mais significativo em um continente no qual tal pesquisa é muito carente por falta de fundos e por temor das autoridades religiosas e civis. Tanto que, não se achou fora de lugar afirmar que dos trabalhos sinodais havia emergido, “não obstante os limites da estrutura sinodal e os medos que a antecederam, o conhecimento da identidade de uma Igreja africana”. E que se “talvez os bispos não tiveram audácia suficiente, algumas comunicações mostraram que não haviam estudado suficientemente o problema em sua casa”, e a partir daquele evento “agora sabem que o povo da África pode partir...há um

Mar Vermelho, um deserto e além, a terra prometida à liberdade dos filhos de Deus”.

Sim, a aposta colocada em jogo, referente ao amanhã é muito alta! Doutra sorte, segundo o escritor senegalês Cheick Anta Diop, pode-se dizer, sem dúvida, a propósito das relações norte/sul, que “não tivemos o mesmo passado, vocês e nós, mas temos, necessariamente, o mesmo futuro”. Um destino comum e planetário, portanto, que deverá emergir, plenamente – este é o desejo de quantos têm a África e as Igrejas africanas no coração – no Sínodo de outubro.

**PARA MANTER O NOSSO LUGAR  
A PARTIR DA PERSPECTIVA DO MUNDO**

AS FSP NA ÁFRICA E MADAGASCAR AOS 30 DE JUNHO DE 2009

Circunscrição    fundação    membros    comunidades    idade m.

**África Oriental 1964-1970**    **52**                    **7**                    **45,23**  
(Ken.-Nig.-Zam. Sud.-Tanz.-Ug.)

**Congo**                    **1958**                    **34**                    **5**                    **46,97**  
**/Costa do Marfim**

**Madagascar**    **1983**                    **20**                    **3**                    **37,80**

**Angola**                    **1999**                    **5**                    **1**                    **55,60**

**Moçambique**    **1967**                    **8**                    **1**                    **52**

**África do Sul**    **1994**                    **9**                    **1**                    **55,11**

***Presença vocacional***

	Aspirantes e postulantes	Noviças 1° e 2° ano
África Or.	22	7
Congo/Costa do Marfim	11	–
Madagascar	7	2
Angola	6	–
Moçambique	6	1
África do Sul	–	–

## ALGUNS DESAFIOS DAS CIRCUNSCRIÇÕES ÁFRICA- MADAGASCAR

*“Vós, africanos, já sois os missionários de vós mesmos. A Igreja de Cristo está, de fato, plantada nesta terra bendita!:* foi Paulo VI quem pronunciou estas palavras no dia 31 de julho, há quarenta anos. Hoje, a África representa a “terceira Igreja” (depois da Europa e da América Latina), e está em ação uma revisão radical do rol das congregações e dos institutos missionários que assumem uma presença sempre mais autóctone ou são substituídos por congregações nativas, que agora enviam missionários para outros países do mundo.

Encontramos esta confirmação também nos dados da nossa presença no continente África-Madagascar, que vê nos últimos anos um discreto aumento dos membros: cerca de 19,23%. E, enquanto em algumas circunscrições está em estudo um sério redimensionamento com a supressão de comunidades e centros apostólicos, na África (e na Ásia) está em curso um processo de expansão das nossas presenças. Podemos, de fato, dizer que a congregação está se tornando sempre mais asiática e africana.

E, também, se quase todas as circunscrições e casas dependentes da África-Madagascar vivem grandes dificuldades pela situação social e política dos países em que vivem e trabalham, elas estão realmente a caminho e vivem estas dificuldades como “ocasiões favoráveis” para uma fé sólida, uma comunidade mais forte e um grande sentido de solidariedade.

Tudo isso abre à missão paulina grandes desafios e um empenho renovado para:

- a pastoral vocacional e a formação inicial, sempre mais integral, paulina e orientada à missão;
- a vida espiritual e comunitária, integrando as diversas dimensões da vida paulina e refutando o risco do tribalismo;

- um apostolado que dê voz aos desejos de reconciliação, justiça e paz do continente e cuide da formação dos jovens e dos líderes;
- novas formas de itinerância missionária;
- a formação dos leigos;
- a colaboração apostólica no continente através da Coordenação Apostólica África-Madagascar (CAAM).

**OUTROS DESAFIOS IMPORTANTES E URGENTES  
PARA ESTE CONTINENTE**

*As irmãs e as comunidades poderão oferecer o próprio contributo para individuar desafios e empenhos aos quais responder com a missão paulina na África-Madagascar.*

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....



## “... ENTRA NA CIDADE”

*Dar o Evangelho “a todos aqueles que procuram a verdade e a justiça”:  
nos passos das primeiras irmãs missionárias na África*



*No contexto do redesenhar as presenças, contemplamos os “milagres” realizados pela grande fé das primeiras missionárias, profetizas da esperança, mensageiras de verdade e justiça.*

### UM COMEÇO ENTRE INCOMPREENSÕES E DESORDENS

#### *A fundação no Congo*

Desde 1957, quando partiram para o Congo Belga os primeiros missionários paulinos, estabelecendo-se em Leopoldville (atual Kinshasa), acendeu-se, também, nas Filhas de São Paulo, a esperança de ir para a África. Esperança que se concretizou sete meses depois. Duas irmãs foram escolhidas para a nova “aventura”: Mestra Basília Bianco, chamada do Canadá para Roma e Ir Giusepina Panarello.

No dia 27 de junho de 1958, cercadas de um grupo de irmãs, comovidas e cheias de curiosidade, as duas pioneiras foram levadas ao aeroporto de Ciampino onde receberam as últimas recomendações e as saudações da Primeira Mestra Tecla. Era meia-noite quando a “Sabena” ligou o motor e decolou no espaço. A primeira escala foi em Kano, na Nigéria, depois o voo para Leopoldville, onde Mestra Basília e a ir. Giusepina foram acolhidas pelos paulinos e por Van Ham, da congregação do Coração Imaculado de Maria (chamada, também, dos

Padres Scheuts), que se havia empenhado para que as irmãs fossem para a África. Os paulinos, depois de fazê-las descansar, acompanharam-nas até a casa mobiliada que tinham alugado no bairro europeu, Première Rue Limite – BP 335.

No dia 2 de julho chegaram outras duas irmãs da Itália e assim, tirado, com sofrimento, o hábito preto e vestidas de branco, a comunidade pensou que já poderia começar a visita às famílias para a difusão. Mas, os Padres Scheuts não viram com bons olhos que as irmãs brancas andassem “pelos casas e pelas vilas dos negros”. A ordem foi explícita e severa: “Trabalhareis na nossa livraria *Croix du Congo* e vos ocupareis, também, da biblioteca da Universidade *Lavanium*”.

Os paulinos sugeriram que, no momento, atendessem ao pedido dos Padres Scheuts. Enquanto isso, as irmãs estudariam o francês e o *lingala*, a língua falada pelo povo. Quando, porém, a comunidade se enriqueceu com outros membros, vindos de Roma, chegara o momento propício de começar a difusão junto às famílias. E, não obstante o parecer contrário dos Padres Scheuts, mas com a permissão do Delegado Apostólico, começou-se a “propaganda”. Os congolezes ficavam contentes ao ver as irmãs brancas que vinham visitá-los em suas casas e, com alegria e veneração, aceitavam as estampas, os terços e os folhetos que lhes eram oferecidos. As crianças acompanhavam as missionárias de uma casa à outra, dançando... A primeira propaganda foi feita distribuindo estampas, medalhas, algum catecismo e algum livro mariano, preciosos como o ouro. Mais tarde, graças à generosidade das irmãs do Canadá e da França, difundiram-se outros livros.

Não obstante a discricção com que as irmãs trabalhavam, os Padres Scheuts ficaram sabendo da sua “desobediência”. Interrogadas, as missionárias disseram com simplicidade que a difusão domiciliar constituía um aspecto fundamental do apostolado paulino, que se podia fazer muito bem com essa iniciati-

va e que o acolhimento do povo era muito bom... Diante de tanto entusiasmo e espírito missionário, os padres concederam, finalmente, a permissão para a propaganda, com a condição de que as irmãs não abandonassem a livraria *Croix du Congo*.

Em janeiro de 1959 começaram os primeiros motins de insurreição pela independência do Congo. Os rebeldes assaltaram e queimaram diversas casas dos europeus, no centro da cidade; entre elas, a livraria *Croix du Congo*. Foi grande o sofrimento de todos, especialmente dos Padres Scheuts que, no entanto, não tiveram a coragem de reconstruí-la. Assim, as Filhas de São Paulo tiveram campo livre tanto para a difusão domiciliar, como para a livraria.

O apostolado já estava bem encaminhado, de forma que as irmãs começaram a sair do Congo Belga para o Congo Francês, o Gabão, o Cameron, a República Central Africana. Organizaram festas do Evangelho, uma quaresma de catequese para adultos e uma exposição da Bíblia para a Universidade *Lovanium...*

Em 1960 as Filhas de São Paulo se transferiram para a 12.ma Estrada, em uma casa maior e mais cômoda. As maiores dificuldades eram: a falta de vocações, as desordens acontecidas na guerra da independência e, sucessivamente, a situação pouco clara da política interna e externa do novo Estado independente; motivos que tornavam difíceis as relações com o exterior e a importação de gêneros indispensáveis para o apostolado, como por exemplo, o papel.

*Mestra Tecla, segundo seu estilo de “mãe”, segue com amor e solicitude esta primeira casa africana e chega com frequência até suas filhas, com mensagens breves e incisivas.*

Roma, 26-7-[19]58

Caríssima M. Basília [Bianco] e irmãs,

Recebi hoje notícias vossas e já as esperava. As duas irmãs estavam prontas para partir e agora aguardam. Desagradou-me que não tenha chegado o telegrama, enviado dois dias antes. Vê-se que ainda não vos conhecem nesse endereço. Perguntai ou mandai procurar todos os dias na caixa de correio se há correspondência. É muito incômodo?

Para o apostolado, fizeti como vos foi dito; para o restante, espero poder falar com o Primeiro Mestre, que está viajando, para ouvir o seu conselho e depois escreverei. Certamente, se for para ir à Elisabethville será preciso, antes, fazer uma pesquisa. Dir-vos-ei alguma coisa. Agora escrevo às pressas para que recebaís estas poucas linhas, mas terminados os Exercícios escreverei a todas. Agora devo atender as irmãs. Lembro-vos muito, muito e rezo por todas. Em espírito, estou bem próxima.

Não vos assusteis com as dificuldades que devem existir. Mas confiai em Deus e em Maria Santíssima.

Antes de começar a propaganda é melhor conhecer bem as pessoas, o ambiente e saber a língua. Caso contrário, podemos cometer erros. Por enquanto, fazei aquilo que vos é dito, assim aprendereis.

Saudações carinhosas a todas e a cada uma. Sempre unidas em São Paulo.

Aff.ma M. Tecla F.S.P.

\* \* \* \*

*Aproximadamente um ano depois da fundação de Leopoldville, aos 9 de maio de 1959, ir. Giuseppa Panarello e ir. Concetta Motos foram para Elisabethville (hoje Lubumbashi) para abrir a primeira filial africana, convidadas que foram pelos padres beneditinos e pelo bispo Dom Cornelis. Depois de um mês, chegaram outras três missionárias: ir. Norberta Zini, ir. Nicolina Cavataio e ir. Giovanna Morbini.*

*Aqui, também, vivem-se momentos difíceis e perigosos pelas rebeliões populares e a guerra do Katanga no restante do ex Congo Belga.*

*Aos 7 de dezembro de 1961, as Filhas de São Paulo precisaram deixar sua casa, por causa da insegurança. No dia 10, o padre paulino Michelino Gagna é morto enquanto retirava o SS. Sacramento da capela das irmãs.*

*No entanto, o apostolado paulino continua a fazer caminho. Uma das missionárias conta:*

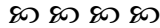
Aqui em Elisabethville começam a conhecer-nos, e não é raro que bicicletas e carros parem quando nos encontram no caminho e nos perguntem: “Irmãs, o que tendes de bonito desta vez?”. E assim, ao redor de nós vai se formando um grupo, mas no melhor da festa ouve-se um apito da polícia para dispersar a aglomeração, proibida neste tempo. Mas, chegando à frente das irmãs, colocam entre as pernas ou debaixo do braço a metralhadora que apontavam para o povo e escolhem, também eles, o Evangelho ou o catecismo.

Não escondemos, porém, que nesses momentos, até frequentes, nos recomendamos a todos os santos para que não acontecesse nada em nossa presença...

*No outono de 1962 chegam a Roma outras notícias confortantes sobre o apostolado:*

Há poucos dias recebemos 700 volumes da França, mas já os difundimos todos. Dizemos: já, porque com as leis vigentes, quem sabe quando poderemos receber outros. E também se forem despachados, demorarão 45 dias, no mínimo, para vir de Paris a Elisabethville. Estamos sem terços e, todos os dias, no-los pedem. Os que chegaram de Roma, terminaram em dois dias. O Natal de 1962 foi rico de graças e também de dons que nos mandaram as irmãs de Livorno. Menos mal, porque aqui é um período que falta tudo.

Mas a graça de ser missionárias e estar na casa do Senhor supre muitas coisas. [...] O trabalho na tipografia não falta, antes, aumentou: 2 jornais semanais, 2 quinzenais, 3 mensais, além dos livros e dos imprevistos.



## NA TERRA DOS MÁRTIRES

### *A fundação de Uganda*

As Filhas de São Paulo que estavam na África havia seis anos e tinham aberto duas casas no Congo, olhavam para Uganda como a uma meta a ser atingida. Aos 2 de fevereiro de 1964, pedida a licença à autoridade eclesial puderam, finalmente, atingir a tão desejada terra dos mártires.

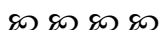
Partiram de Kinshasa em quatro – Mestra Basílio Bianco e outras três irmãs de nacionalidades diversas – chegaram ao aeroporto de Entebbe, onde eram esperadas por alguns missionários, entre os quais, pe. Agostinho, do secretariado católico, que havia acompanhado, desde o início, o modo de ser das Filhas de São Paulo e tinha providenciado para elas uma casa conveniente. Os missionários as conduziram à missão das Irmãs Franciscanas de Nsambia-Kampala onde passaram o primeiro dia ugandês e de onde partiram para a própria casa, na Nakasero Hill 7 Kyadodndo Road, cerca de quatro quilômetros distante do centro da cidade. A primeira preocupação foi a de adaptar uma sala para a capela.

No entanto, enquanto duas irmãs preparavam o local para a livraria, as outras duas começaram a propaganda nas famílias, estudando o novo ambiente em relação ao apostolado. Um estudo não simples, dada a diversidade das religiões professadas em Uganda, sobretudo em Kampala, onde os habitantes são

provenientes de vários continentes. Mas, as Filhas de São Paulo, edificadas pelos exemplos de tantos missionários que ali trabalhavam, enfrentaram, com coragem, os desafios dos inícios e procuraram inserir-se bem no contexto, para cumprir sempre melhor sua missão.

A propaganda individual, depois de não poucas dificuldades, teve um desenvolvimento, realmente, consolador, bem como a livraria, muito frequentada. Os missionários e os catequistas que, por causa das grandes distâncias não podiam vir à cidade, chegavam até nós através dos ciclistas, pelos quais as Paulinas os informavam, rapidamente, sobre as novidades na livraria e do material didático-pedagógico para o ensino da religião. Com esse sistema chegavam também às missões do Kenya, Tanzânia, Malawi, Zâmbia.

Pouco mais de um ano da fundação, aos 16 de outubro de 1965, Mestra Ignazia Balla chegava a Kampala, fazendo ali uma parada de quinze dias.



## “SIMPLES INSTRUMENTOS NAS MÃOS DE DEUS”

### *A fundação da Nigéria*

As Filhas de São Paulo foram chamadas para a Nigéria por dom Sergio Pignedoli, na época, Delegado Apostólico. Mas, dom Pignedoli deixou a Nigéria para ser Delegado no Canadá, antes que as missionárias paulinas chegassem ao lugar. De imediato, surgiram, no horizonte, as primeiras dificuldades. Ir. Daniela Baronchelli e as outras três irmãs provenientes da Itália e destinadas, com ela, para a abertura da nova casa, ficaram por algum tempo no Congo, mas as relações entre o Congo e a Nigéria não eram boas, e elas tiveram dificuldades com os

vistos, que nunca chegavam... Não havia clareza nas relações com o Secretariado Católico com o qual as Filhas de São Paulo precisavam colaborar... Nenhuma ideia para a moradia, as bagagens paradas no porto de Lagos...

As missionárias chegaram a Lagos aos 15 de outubro de 1964 e diante dessas dificuldades, que pareciam insuperáveis, fizeram uma única coisa: recomendaram-se, com filial confiança, à intercessão da Primeira Mestra Tecla, a qual tinha muito desejo que houvesse uma casa na Nigéria. Rezaram com tanta insistência e tamanha fé, que tudo foi resolvido. O arcebispo de Lagos as acolheu paternalmente. Todos os bispos da Nigéria ficaram contentes com sua presença e com sua atividade e as queriam na própria diocese.

As irmãs encontraram casa num bairro muito povoado e barulhento, Ebute Metta –35 Jones Street, onde abriram uma espécie de livraria, usando estantes em más condições, que tinham servido ao inquilino anterior para expor suas mercadorias. Depois dos primeiros contatos com o Secretariado Católico dos bispos nigerianos, as relações foram tão cordiais e firmadas na confiança recíproca, que o apostolado das Filhas de São Paulo foi considerado atividade do mesmo Secretariado.

Após dois anos de sua chegada à Nigéria, as missionárias podiam escrever:

De norte a sul da Nigéria, das mais altas autoridades eclesíásticas ao último missionário, todos se servem da nossa livraria como do maná do céu. Aqui, compreendem bem o espírito da congregação, e seu semblante brilha tão luminoso, que é capaz de cobrir os nossos limites e as nossas incapacidades. Há muita cooperação sincera e generosa por parte de todos os missionários. Esta é uma constatação que nos torna humildes e nos faz sentir que somos simples instrumentos nas mãos de Deus e,

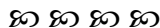


ao mesmo tempo, nos deixa orgulhosas por nossa congregação e pelo espírito que a anima.

Depois de encaminhar a propaganda individual e a livraria, as irmãs organizaram a propaganda coletiva e as feiras de livros, que logo despertaram a curiosidade e o interesse da população. Um pequeno grupo de “cooperadores” nos ajudou na difusão em Lagos e em outros centros.

Abriam-se, para as Filhas de São Paulo, luminosas perspectivas de apostolado em todos os campos: imprensa, filmes, discos... Aos 3 de novembro de 1966 foram convidadas a fazer parte do Comitê Nacional Católico para a Rádio e a colaborar, ativamente, nas suas atividades. Uma paulina foi nomeada secretária geral do Comitê e participou, ativamente, na preparação dos programas e nas transmissões.

Ao mesmo tempo, procurava-se, com solicitude, as vocações...



## O PÃO DIVIDIDO COM OS PEQUENOS

### *A fundação de Moçambique*

Dom Sebastião Soarez de Resende, bispo de Beira, tinha conhecido as Filhas de São Paulo em Portugal e constatado o bem que elas faziam com as várias iniciativas apostólicas. De modo especial, tinha-se impressionado com a difusão capilar da boa imprensa e via, no contato pessoal com cada família, um meio muito eficaz de evangelização. Convidou as irmãs para irem a Moçambique, convencido de que sua presença seria uma obra importante, somada à dos missionários. Para estimulá-las a aceitar, ofereceu-lhes a livraria episcopal, pequena, mas bem ativa.

As irmãs submeteram o pedido à superiora geral, Mestra Ignazia. A falta de pessoal era a única dificuldade aos convites do bispo de Beira. No final de 1966 foi diagnosticado um câncer na garganta de dom Soarez. Sabendo desta notícia, Mestra Ignazia comunicou ao bispo que enviaria as Filhas de São Paulo à Beira. O bispo ficou muito contente e, com as poucas forças que lhe sobravam, dispôs todas as coisas para o bom acolhimento das irmãs e sua inserção na diocese. Não teve a alegria de recebê-las e elas não o conheceram; mas, graças ao seu sacrifício e organização, tiveram uma ótima acolhida e puderam começar logo seu apostolado específico.

Beira, apesar de não ser a capital de Moçambique, era uma cidade importante, com um porto muito eficiente e numerosos católicos.

As três primeira irmãs – ir. Giusepina Panarello, ir. Teresa Bamos Miranda e ir. Vicenzina Lopez – chegaram a Beira aos 18 de fevereiro de 1967. Logo começaram a difusão de livros nas famílias, levando livros em português, fornecidos pelas irmãs de Portugal; isso, na espera de algum livro nas línguas locais. Os católicos africanos pediam, sobretudo, o Evangelho, o catecismo e os livros de oração.

A livraria do bispado, também, foi reaberta e nos primeiros meses só por meio período. Tendo, depois, chegado outras irmãs, foi alugado um apartamento na rua Gonçalo da Silveira, 32, no qual entraram aos 30 de junho de 1967. Na sala mais bonita foi feita a capela .

Na primavera de 1968, as irmãs de Beira escreviam:

Não obstante as dificuldades inevitáveis, encontramos aqui muita simpatia, colaboração e animação para a nova forma de apostolado. Neste período, a difusão nas escolas deu bons resultados, com a colaboração dos diretores e professores.

O Senhor nos deu, também, a graça de abrir a nova livraria. Enquanto a primeira, a do bispo, estava fora do centro, esta é moderna e instalada bem no centro da cidade. Foi inaugurada no dia 11 de fevereiro de 1968, festa de N.Sra. de Lourdes, por dom Manuel Ferreira Cabral e estavam presentes autoridades civis e religiosas, além de numerosos missionários que trabalham na diocese.

No discurso de inauguração, o bispo, entre outras coisas, disse: “Beira sente-se honrada por ser a primeira cidade de Moçambique a receber as Filhas de São Paulo. Faço votos que esta obra progrida e continue com força e vitalidade, não somente em Beira, mas em todas as cidades e vilas da província, para que possamos dividir o pão com os pequenos e distribuí-lo a todos aqueles que procuram a verdade e a justiça; não a filosofia vã, mas aquela perene do Evangelho...”.

